



Novos aspectos

Quem se desse ao trabalho de investigar profundamente as causas que agitam actualmente os povos, teria ocasião de observar os factos mais extraordinários sobre o problema prático e social de cada um, que dariam margem às conjecturas mais interessantes sobre o curso que aqueles seguirão em busca dum objectivo ainda por atingir.

O que, porém, não poderia deixar dúvida alguma na imaginação de quem tal tentasse realizar, era de que a humanidade luta incessantemente por emancipar-se de todas as situações que a têm amesquinado e que os obstáculos interpostos aos seus justos desejos não conseguem, senão aparentemente, fazer retardar uma marcha que mais violenta se tornará em presença desses empecilhos.

Os exemplos que nos possam apresentar, como forte argumento, a contraria a dedução apontada, citando situações especiais estabelecidas em vários países, nunca poderão ser tomados à conta de casos invioláveis.

Pelo contrário. Essas situações produziram sempre através dos tempos, nas suas variantes manifestações, e continuaram produzindo, por muito que isto tenha de paradoxal, às mais profundas remodelações no seio das sociedades que constantemente vibram à procura duma posição, que lhes traga mais felicidade e bem-estar.

Não pode haver, pois, plausíveis razões para se querer fazer aceitar indefinidamente princípios opostos aos desejos e aspirações dos povos. Estes, quando muito, podem conservar-se silenciosos em determinados e especiais momentos, mas no espírito germina-lhes sempre a rebeldia, filha do seu sofrimento.

Compulsai o que se tem escrito neste sentido, tudo quanto esteja baseado em factos concretos e inconfundíveis e vereis a tendência natural da humanidade para libertar-se,

Querer evitá-lo, seria o mesmo que interceptar a corrente dum rio para mais tarde ceder à sua violenta passagem, a que os fragmentos dos obstáculos opostos dariam grande vulto.

Mas não será preciso ir muito longe na análise a estes factos, portanto elas são dos nossos dias.

Sentem-nos todos que acompanham, mesmo que superficialmente, o movimento da humanidade. Olhemos a China e, em relação ao seu atraso, nós constatamos um povo erguer-se e tornar-se mais cioso dos seus direitos.

Se atinge ou não as suas aspirações, será questão mais da insuficiência da sua visão, do que propriamente da sua vontade de lutar, reconhecidamente ardente e revolucionária.

Se possível fosse esse número de pessoas ser convenientemente ilucidado, neste momento em que se debate contra situações extremamente humilhantes para a sua dignidade, e exige uma modificação parcial das instituições que o esmagam, das causas remotas e profundas do seu martírio, ele certamente não se contentaria em combater por essas problemáticas e mínimas melhorias e daria expansão à sua alma de explorado que desperta para a vida livre.

E para que citar mais povos, se todos eles se agitam em luta aberta pela sua independência moral, económica e social, se bem que por vários aspectos?

Desiludam-se aqueles que julgam poder evitar essa exteriorização natural, cujas consequências hão-de fatalmente produzir os seus efeitos, mais lentos ou mais rápidos.

Formam a guarda avançada desses povos, os trabalhadores. São eles os que sintetizam bem no fundo da sua alma, a dor de toda a humanidade sofredora. Serão eles, pois, como os exemplos passados demonstram, os melhores lutadores.

Reconhecer estas eloquias situações e querer à força contrariá-las é, não só éerto tremendo, como crime que a história registrará no futuro e que as gerações vindouras apreciarão detidamente.

Um apelo atendido

Correspondendo ao apelo que ontém fizemos em favor do pequeno Rui Teixeira, recebemos do camarada Joaquim Cruz os seguintes livros: "História de Portugal", por J. B. Nunes Junior; "Geometria", por B. A. Ligorne; "Leituras", por António Francisco dos Santos.

Estes livros encontram-se na nossa administração à disposição do pequeno estudante.

EM PLENO PARAÍSO

A situação do operariado no ano de desgraça de 1927

A carestia da vida, a crise de trabalho, a falta de habitação, a ausência de assistência hospitalar e a emigração, eis o quadro bem expressivo

O ano de 1927 nasceu com maus auspícios para o operariado. Esperar dele a felicidade para os que trabalham seria aceitar o inverso.

A crise de trabalho que de há muitos anos se faz sentir em todo o país é um dos mais graves prenúncios de um ano fatídico.

De norte a sul estão encerradas centenas de oficinas e fábricas por falta de trabalho. E dessa paralisação irradiou um sem número de desempregados que clamam sua miséria na praça pública, que choram sua infelicidade nos tristes tugúrios onde se acoitam.

No Algarve a população assolada pelo flagelo emigrou em massa. Há pequenas povoações completamente desertas, onde só se encontram crianças. Os homens válidos fugiram ou foram procurar longe o que lhes faltava em casa: o pão.

Olhão, terra mártir e desgraçada, tem a fisionomia de uma cidade batida pelo vento do infarto. Há fome em todos os lares, há dor em todos os peitos. A crise de trabalho fez paralisar a indústria conserveira. Faltou o peixe, morreu a indústria e o comércio. E os seus naturais abalaram para paragens ignoradas: Ficaram apenas, com raras exceções, as mulheres e as crianças.

É elas oferecendo seu corpo ao primeiro que passa, a trôco de uns miseráveis escudos para matar a fome. Nas ruas mal iluminadas dessa vila surgem vultos de turante vestida entregando-se numa atitude de desgraça.

Aspecto desolador

Em todas as terras do Algarve o aspecto é o mesmo. Há fome em todos os cantos. De extremo ao extremo do litoral não se vive — vegeta-se. Morre-se lentamente sob o peso da mais brutal tragédia.

No Norte o quadro é o mesmo. Não foi a falta de pesca que cavou a crise do trabalho. O trabalho faltou determinado por ou-

tros factores que seria ocioso enumerar.

Todavia a crise toma aspectos graves. Os trabalhadores para fugirem aos seus efeitos emigraram, afastando-se do convívio dos seus, abandonando o lar, a família e os amigos.

Todas as semanas levantam ferro com destino à América centenas de famílicos, acossados pelo temporal da «chomage». Vão à sorte, entregues ao Destino, quantas vezes bastante ingrato e cruel.

A sorte lá beija-os tanto como cá. A miséria acompanhou-os e apraz-se em os não largar. E o retorno já se principiou a operar. Há dias chegaram ao Tejo cerca de 200 portugueses que há meses embarcaram para a América. Estiveram lá durante meses. Tentaram romper a espessa nuvem de desmunição, passa as suas horas de inalar em compungente tristeza.

Vem ultimamente debatendo-se nas colunas dos jornais burgueses uma série de assuntos a que anda ligado o dinheiro, muito dinheiro.

A palavra imoralidade é repetida muitas vezes e a afirmação de que se traem os interesses da nacionalidade é inconsistente, avultando nela a expressão que foi, noutro tempo, impressionante de "traição à pátria".

Propositadamente nos temos até aqui alheado dessas questões, aguardando que os interesses do operariado fôssem atingidos para então nos pronunciarmos. Conhecemos muito bem—até onde chegamos os nossos meios de observação—a dissolução desta sociedade e, muitas vezes, nossa pena hesita em mexer em certos assuntos no receio, que pode ser fundado, de atingindo os interesses do capitalista A irmos favorecer o capitalista B.

Repugnar-nos-ia prestar-nos, ainda com as nossas melhores intenções, sem o sabermos, a tomar partido nas rivalidades dos abutres da finanças que se desgostam.

Depois vem a tragédia da falta de habitações. O operário para viver tem que refugiar-se nos quartos que o Diário de Notícias anuncia todos os dias a preços de palácio. E ali, confundido na mais sordida promiscuidade, passa as suas horas de inalar em compungente tristeza.

Nem o último recurso!

Da deficiente alimentação vem a doença. A vida mais triste se apresenta. O infeliz foge seguir para a casa de penhores todos os baveres. Não tem recurso algum que lhe permita tratar-se em casa.

Recorre ao hospital. Vai primeiro à Junta de Freguesia pedir o atestado de pobreza, que só ao fim de alguns dias vem. Com esse documento o infeliz dirige-se ao hospital de São José amparado pelos braços da sua companheira.

Mas mesmo ali a Desgraça não o abandona. O hospital está cheio. Não há vagas e o requerente não entra. E durante dias, no átrio daquele hospital, ele soita gemidos de desespero, ele ergue blasfêmias de indignação.

Um dia dá-se a ansiosa vaga. O doente ingressa numa enfermaria e durante semanas sofre as consequências da miséria dos hospitais. Quando abandona o catre vem ainda mais doente do que entrou: sua alma vem lacerada, seu moral vem abatido.

Estes são os prognósticos do ano de 1927, que bem poderão classificar-se de ano de desgraça. O quadro é bem expressivo: crise de trabalho, carestia da vida, falta de habitações, emigração e falta de assistência hospitalar. Balanço completo: Fome, Miséria e Luto.

Assim será enquanto subsistirem as suas causas: a sociedade burguesa capitalista.

D patrício continua na ordem do dia...

Vem ultimamente debatendo-se nas colunas dos jornais burgueses uma série de assuntos a que anda ligado o dinheiro, muito dinheiro.

A palavra imoralidade é repetida muitas vezes e a afirmação de que se traem os interesses da nacionalidade é inconsistente, avultando nela a expressão que foi, noutro tempo, impressionante de "traição à pátria".

Propositadamente nos temos até aqui alheado dessas questões, aguardando que os interesses do operariado fôssem atingidos para então nos pronunciarmos. Conhecemos muito bem—até onde chegamos os nossos meios de observação—a dissolução desta sociedade e, muitas vezes, nossa pena hesita em mexer em certos assuntos no receio, que pode ser fundado, de atingindo os interesses do capitalista A irmos favorecer o capitalista B.

Repugnar-nos-ia prestar-nos, ainda com as nossas melhores intenções, sem o sabermos, a tomar partido nas rivalidades dos abutres da finanças que se desgostam.

Depois vem a tragédia da falta de habitações. O operário para viver tem que refugiar-se nos quartos que o Diário de Notícias anuncia todos os dias a preços de palácio. E ali, confundido na mais sordida promiscuidade, passa as suas horas de inalar em compungente tristeza.

Neste momento debate-se aí, na imprensa, uma questão acirrada acerca da venda de ações da Companhia Ferroviária da Beira Alta a um capitalista espanhol, por intermédio dum casa bancária que pretende apoderar-se das linhas do Minho e Douro para as meter nas mãos do mesmo capitalista espanhol.

Nestas negociações aparece envolvido o nome do seráfico e jesuítico Fernando de Sousa, director da Epoca que defende à outrance as operações que provocaram um pânico entre os patriotas... que não tiveram parte no negócio.

* * *

Não queremos discutir se há ou não traição à pátria. Mas, achamos muito a propósito desmascarar as criaturas que dum lado e de outro se degladiam, uns assegurando que pensaram na pátria, nos interesses da pátria, quando defenderam o negócio e outros declarando que atacam o negócio por considerarem uma traição à pátria, aos sacrifícios interiores da pátria.

Nem uns nem outros pensam na pátria—pensam neles mesmos, o que é muito diferente. A pátria para um banqueiro o que é? Um dividendo, uma garantia de lucros, uma série de bons negócios. E para todos os banqueiros a pátria só existe para assegurar as suas fortunas, os seus interesses e as suas infernais maquinções.

Coube agora ao notável poeta e às crianças das escolas primárias serem desmontados pelo órgão encapulado da Finança, do Clericalismo, da Reação.

Com o Tangano, ele teve uma boa reacção e ao mesmo tempo realizou a sua missão especial de embrutecedor dos seus numerosos leitores.

Com a homenagem ao insigne poeta, ele quer novamente ganhar dinheiro, sem deixar de contribuir para a manutenção e derramamento do erro e da mentira em que andou envolto, fazendo uma homenagem a seu modo e feito, e em que a feição religiosa do poeta será exclusivamente explorada.

Contra a estupidez e barbaresco do caso do Tangano, em que ficaram estropiados alguns desgraçados cavalos, ergueram-se, com razão, a Sociedade Protectora dos Animais e todos os que nesta terra têm alguma raciocínio e sentimentos.

Contra esta nova infame especulação devem erguer-se todos os escritores que prezam e valorizam o alto valor poético de João de Deus.

Deve repudiá-la a família do poeta, que, decerto, se revoltará contra esta maculatura da honestidade do nome de João de Deus, que não pode nem deve ser conspircado pela sua equiparação a um Tangano.

Devem os pedagogs declarar que não podem aceitar como bom e merecedor de homenagem o sistema de leitura "Cartilha maternal", e que, se foi original para o autor, que pouco conhecia, como está provado, de Pedagogia, ele não era novo, nem hoio é recomendável.

Nesses negócios, em todos os negócios, há realmente uma traição. Mas a vítima dessa traição não é a pátria: é classe operária. Todos os negócios reposam sobre o trabalho humano, e cada vez que ele é negociado é negociada e agravada a miséria daqueles que o executam.

Quando virá o dia em que todos os trabalhadores tenham a convicção destas verdades e se concertarão para evitar que continuem a ser uma espécie de mercadoria que se negoceia, que se trapaceia, que se vende com a mais infinita das crueldades e com o mais monstruoso dos cinismos?

Dizem que o assassino é maçon e da geral indignação contra o senhor, como galo mestre da maçonaria.

Expliquei então que me recordava de ter visto uma vez aquele indivíduo, que não ousava sequer revelar-me a mais leve intenção criminosa, que eu teria logo repreendido naturalmente; que ele não era maçon e por isso mesmo era indignidade o que se estava praticando, e que não podia obedecer senão a instintos acautelados e perversos.

Acrescentou o comandante que eu nada tinha a recuar que a minha prisão era meramente preventiva, a fim de defender a minha vida contra quaisquer ataques imprudentes. O próprio José Júlio da Costa escreveu uma carta a pessoa amiga em que dizia:

“Tenho sofrido tudo; ouviram-me mal-

A morte de Sidónio Pais

Magalhães Lima defende-se dum grave acusação que anónimamente circula pela cidade

A prisão de José Júlio da Costa veio dar velo ao boato de que na morte de Sidónio Pais aquele não passou dum instrumento. Segundo o boato que corre o dr. Magalhães Lima foi o iniciador do atentado. Para demonstrarmos a maneira cavilosa como operaram certos elementos reacionários a fim de liquidar pela morte os que incorrem no seu monárquico e jesuítico desagrado, transcrevemos o que se passou com Magalhães Lima, narrado por ele próprio, quando o prenderam e pretendiam assassiná-lo.

«Quando em Paris tive conhecimento da vitória de Sidónio Pais, logo fui tenso de viver ao boato de que na morte de Sidónio Pais aquele não passou dum instrumento. Assim, ao chegar a Lisboa, resolvi não ir para minha casa, mas sim para o Hotel Francfort, onde permaneci durante quase um ano. Não me arrependi desta decisão, por me convencer de que a dar-se um atentado mais facilmente me assassinariam em casa do que no hotel. Aquela noite foi verdadeiramente trágica. Alvaro de Castro, que tinha adotado o processo de andar a monte, mandou-me dizer por um amigo comum, Kemp Serrão, que um revolucionário nunca se deve deixar prender. Eram onze horas e meia da noite. Perguntei ao mensageiro o que me poderia suceder.

—Podem-me matar? acrescentei.

—Pois é isso mesmo o que o Alvaro re-

ceia.

Ponderrei que era tarde para mudar de processos e que aceitaria as consequências da minha conduta.

—Fará o que entender, replicou.

Com efeito, às duas e meia da madrugada, alguém batia violentamente à porta do meu quarto.

—Abra em nome da lei, gritaram de fora.

A-pesar-de-me sentir seriamente doente com uma infecção, abri a porta. Um aluno da Escola de Guerra avançou para mim na intenção de me agredir.

</div

TEATRO NACIONAL

Telefone N. 3049

Companhia: Berta Bivar-Alves da Cunha

HOJE, às 21 horas
1.ª representação da peça de
RAMADA CURTO

JUSTIÇA...

Nas primaciais papéis:

ALVES DA CUNHA
BERTA BIVAR
ADELINA ABRANCHES

CARTA DO PORTO

Ainda a Santa Casa
da Misericórdia

PORTO, 17.—Ainda não nos esquecemos do Hospital Geral de Santo António. Nele há mais puro moral a desinfectar do que doentes físicos a exigir cura. Ora como se torna urgente pôr um limite sério aos escândalos que por lá se praticam, nós resolvemos dar hoje à estampa mais uns poucos acréscimos do fiscal Mendonça.

A Santa Casa da Misericórdia, se é essa em misericórdia para os pobres que dela necessitam, é bastante pródiga para alguns empregados superiores que se servem da misericórdia para miserabilmente agitarem a sua vinda financeira.

Senão vejamos: a Santa Casa dá ao fiscal Mendonça uma excelente casa para habitar. Mas o barbaçanico sr. Mendonça aproveita-se da casa para fazer da pensão e tirar um rendimento de perito de mil euros assim discriminados duma tal D. Rita, ao que parece a amante do Ferrabros Mendonça, 50000; de um sobrinho do cidadão fiscal, 30000; e de um estudante caboverdeano, 30000.

Como vêem, estas cifras repugnadas dão bem uma prova de moralidade enfornada na Santa Casa da Misericórdia cuja direção administrativa só tem olhos de ver... para quem os tão deveria ter.

Como não bastem aqueles 95000 explorados, a custa da casa... que a Santa Casa lhe fornece para viver regaladamente; como não cheguem ainda os 9.000 que mensalmente entere os peitos seus serviços de fiscalização duvidosa — afirmam-nos, e estão prontos a provar, que é o, bora Mendonça, se vai servindo dos armários, panelas, carboneto, vasouras, roupas de cama e gelo fornecido pela farmácia por intermédio das enfermeiras. Ilude a boa fé dos fornecedores e da Santa Casa... que tão perniciosa é para uns e tão somática é para o seu pessoal de enfermagem...

In quanto os superiores d' hospital de Santo António ganham chorudas mensais, e o desprazer pessoal enfermeiro persegue os seguintes ordenados ridículos: enfermeiro, 18278; ajudante, 31443; enfermeira, 31443; ajudante, 25971; criado, 25971; criada, 19157!

E para esta miséria de remuneração irrisória, revoltante, dispõe o Estado perto de 5 mil contos... queimados, em parte, na vorágem estupenda dos grâudos, porque os muitos, os que mais se sacrificam nos seus utilíssimos serviços, esses, como repararam miseravelmente numa paga escassissima e sem direito a uma casa transformada em pensão belamente pingadora... Esta situação de hierárquico privilégio só é talhada para as rias barbas dos sr. Mendonças. O pessoal subordinado só tem direito ao u-ofício desta humana regalia: aquela que ronda desde a 1 hora até às 6 da manhã se será desaladadamente obrigado a continuar o seu exaustivo serviço até as 2 horas da tarde!... Em compensação, o ilustríssimo sr. Mendonça deita-se às 7 horas da tarde abandonando os seus «pesadíssimos» serviços até ao dia seguinte...

Quanto não vale ser fiscal do Hospital da Santa Casa que da casas de graça para a montagem de enriquecer... e pensões... Tendo-se assim um pôsso tanto, pode-se, na Santíssima Casa da Misericórdia, não só praticar actos desonestos com certa empregada, como até levar carinhos para si e para os cães que possuir, como até mandar encher boletins pedindo remédios para si e destiná-los depois às coristas do teatro Águia de Ouro, como até pedir namoro a certa funcionária da secretaria que lhe atirou à cara com aquela celeberrima frase de Silva Pinto...

O barbaçanico Mendonça tem mais coisas exquisitas, mas hoje não queremos moçar mais o leitor. O resto fica para amanhã—porque depois queremos fazer umas interessantes referências ao pessoal de secretaria.

Isto vai devagar e com tempo...—C.

Solidariedade

P.º Esteves Ferreira

Em auxílio de Esteves Ferreira realiza-se no sábado, no Salão de Festas da Construção Civil, uma récita com o seguinte programa: 1.ª parte: o drama em 1 acto, original de Augusto Santos Oliveira, «As Partilhas»; 2.ª parte: estreia dos notáveis amadores de prestidigitação «Os canholas»; 3.ª parte: a engraçadíssima comédia em 1 acto «Criados espertos», segundo um grandioso acto de variedades, com variações à guitarra pelo popular guitarrista Leixeira Miranda, acompanhado pelo seu viola Jorge Canhoto.

Abrilhanta esta festa a troupe de bandolinistas «Os Pompeus». Previnem-se todas as pessas que tenham bilhetes em seu poder e que ainda os não liquidaram que o devem fazer até amanhã, a fim de uma comissão poder saldar alguns compromissos que tomou.

—Comunicam-nos o operário José Gordinho que recebeu de Francisco dos Santos Reis a quantia de 30000, de uma subscrição aberta na Covil da Piedade.

—Comunicam-nos o operário José Guerreiro que recebeu de Luís Miguel a quantia de 87500 e de Américo Prazeres a quantia de 20000, sendo ambas as quantias provenientes de subscrições.

pele sêde; alfraram-me dois tiros à queima roupa e tudo tentou suporad resignadamente. O que não posso nem poderei nunca supor, e o que mais me custa é que o sr. Magalhães Lima, que eu considero um santo, esteja a sofrer por minha causa.

Quando o sidonismo não tivesse outras vergonhas a manchá-lo, tem certamente esta da minha prisão, como um estigma de que nunca poderá ilhar-se.

Teatro Apolo

Telef. 5019 N.

Companhia Almeida Cruz

HOJE e todas as noites
2 sessões: 2 às 8,30 e 10,30
com a espirituosa opereta

MOURARIA

em 3 actos, original de Lino Ferreira,
S. Tavares e L. Lauter, musicada
pelo mestre Flávio Duarte.Protagonista:
Adelina Fernandes

PREÇOS POPULARÍSSIMOS

Camarotes, 35000; 20\$00; 10\$00. Fau-
teuils, 9\$00. Cadeiras, 6\$00.
Geral, 2\$00

TEATRO VARIÉDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 23,30

COM A COMÉDIA

O INFERNO

A canhoneira «Ibo» encontra-
-se em perigo no Norte devido
-a temporal

Devido a um equívoco resultante de uma troca de telegramas, que julgámos sfôsse a «Mandovy», o navio que estava em perigo, canhoneira verificando-se depois que era a «Ibo».

Como dissemos, foi anteontem mandado seguir para o Norte a fim de prestar socorro à canhoneira «Ibo», que o havia solicitado num rádio, o vapor «Patrício Lopes» que não pôde romper com o temporal, tendo enviado para o ministério da marinha um rádio comunicando que devido ao vento o mar tempestuoso obrigaria à redução da velocidade, a fim de evitar o encapelado mar nordeste. Ao virar para o sul rebentou-lhe o cabo do leme, não podendo o navio avançar, informando que o tempo não apresenta tendências para melhorar, tendo engrossado mais a vaga e com vento mais rijo e de refresgas, e que por esse motivo arribou a Cascais, onde se encontram bastantes embarcações arrabadas.

Um rádio posterior diz que já tem a avaria reparada.

Sobre a canhoneira «Ibo», nas estações informam não ser verdadeiro um telegrama de Aveiro, que diz que o navio encalhou, pois o comandante da referida canhoneira num rádio informou às 14 horas que caíram debaixo de muito mau tempo e só com uma caldeira acusa com tiragem forçada, navegando com muito mar e vento, estando já afastada um pouco da terra, tendo chegado junto dela dois pequenos vapores belgas que nada lhe puderam fazer por causa do mau tempo, mas conservam-se próximos e que pela telegrafia sem fios a canhoneira «Mandovy» lhe comunicava ter arribado a Leixões o rebocador que ia em seu socorro, acrescentando que o rebocador holandês «Jacob Van-Kenniskerk» lhe acabava de comunicar que ia em seu socorro a 160 km a fôrça, estando ao meio mar na posição 42° 5' Norte e 9° 4' Oeste. Também o rebocador «Silva Gonçalves» lhe ofereceu os seus serviços a 60 milhas do local onde a «Ibo» se encontra e como já não tinha o rebocador de Leixões que ali se encontra, ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural de Azeitão e residente na Amadora e que ali foi colhido por um tijolo ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornaleiro, natural

MARCO POSTAL

Cóimbra.—Roberto das Neves—Está pronta a tua encomenda. Quando houver portador segue.

CAMEIOS

Fáises	Compra	Venda
Sébre Londres, cheque	95\$00	
Nádrid cheque	3\$17	
Paris, cheque	578	
Suíça	378.5	
Eruzelas cheque	274	
New-York	10559	
Amsterdão	75.84	
Ráia, cheque	85.5	
Erasí	230	
Praga	58.5	
Suecia, cheque	524	
Austria, cheque	2377	
Perlim	466	

Espectáculos de hoje

TEATROS
Teatro S. Carlos — A's 21 — «A muher».
Teatro Nacional — «A Justiça».
Teatro S. Luís — A's 21 — «O príncipe Oriofis».
Teatro da Trindade — A's 21,15 — «A Gargone».
Teatro do Gimnásio — A's 21 — «O Caso do Dia». — Conchita Ullia.
Teatro Apolo — A's 20,30 e 22,30 — «Mouraria».
Teatro Avenida — A's 21,30 — «O Pé de Salsa».
Teatro Eden — A's 8,45 e 10,45 — «Cabaçaz de morangos».
Teatro Maria Vitoria — A's 8,30 e 10,30 — «Sempre Fixe».
Teatro Variedades — A's 8,30 e 10,30 — «O Inferno».
Coliseu dos Recreios — A's 21 — Companhia de Circo.
Teatro Salão Foz — A's 3 e às 8,30 — Variedades.
Teatro Joaquim d'Almeida — A's 20 e 21 — Cinema e variedades.

CINEMAS

Tivoli — Todas as noites animatógrafo.
Salão Olímpia — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical. — Rue dos Condes.

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciuso. — A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—Thorax, rins, vesículas urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e 13 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—8 horas.
Doenças dos ossos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas, e intestinos—Dr. Mendes Belo—51,12 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 horas.
Dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Câmera e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raio X—Dr. Aleu Saldaña—4 horas.
Análises—Dr. Gabriel Beato—1 hora.

A EPOPEIA DO TRABALHO
— POR —
Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e, à cobrança, de 7\$00.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rue dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais

Álgebra elementar...	13\$00
Aritmética prática...	15\$00
Desenho linear geométrico...	12\$00
Elementos de electricidade...	30\$00
Elementos de física...	12\$00
Elementos de Mecânica...	12\$00
Elementos de Modelagem...	12\$00
Elementos de Projeções...	16\$00
Elementos de Química...	12\$00
Geometria plana e no espaço...	13\$00
Fabricante de tecidos...	13\$00
Mecânica	
Torno e Frezador mecânicos...	15\$00
Desenho de máquinas...	25\$00

rito se desprende do seu actual envólucro... para ir procurar outro... Desvenda-se-me o futuro... Salvé, glorioso dia profetizado por Vitoria a Grande!... salvé!... quão bela a tua aurora! Antevojo ferros quebrados, bastilhas desmoronadas, tronos e altares desfeitos em pó, e, dominando as ruínas do novo mundo, urz cadasfalo, o instrumento de suplício destinado aos monarcas... Eu te saúdo, patíbulo sagrado... símbolo da justiça popular!... Oh República! que brilhante aurora a tual!... O teu sol deslumbrante ergue-se já por sobre a Europa, e derrama correntes de luz sobre o mundo regenerado... que reverdece... floresce... ostenta e goza em paz os seus tesouros, riquezas, pompas e maravilhas, no meio da alegria dos seus filhos livres, iguais, libertos para sempre do duplo jugo da religião e da miséria... e também para sempre unidos pela fraternal solidariedade dos povos confederados...

As testemunhas desta cena, cedendo ao entusiasmo, deixavam-se levar por estas palavras de Vitoria, pelo brilho enganador do seu olhar, pela exaltação de espírito que lhe dava aquele último alento de energia, e esqueciam que ela estava agonizando...

Vitoria, com os olhos meios fechados, o rosto lívido e banhado em suores frios, desfaleceu nos braços do irmão, e, após um momento de agonia, saiu desta vida para ir continuar a viver nesses mundos misteriosos para onde todos havemos de ir!

O exército devia marchar ao romper do dia. João Lebrenn e Castillon abriram, próximo a Geisberg, uma cova destinada a Vitoria. Ela para ai foi levada pelo capitão Martim, Castillon, Duchenin e Oliveira. João Lebrenn, gravemente ferido, acompanhava o enterro da irmã, encostado ao braço do jovem voluntário Duresnel. Caia neve, e em breve a cova de Vitoria desapareceu sob o branco manto que cobria as alturas de Geisberg no momento em que o exército deixou estes bivaques para marchar sobre as linhas de Wisssembourg, que podiam ser ainda defendidas pelo exér-

cito austriaco; mas este, abandonando os seus entrincheiramentos durante a noite, evacuou Wissembourg. As hostes dos monarcas recuavam perante as nossas legiões.

Oliveiros foi promovido a alferes no seu regimento.

O capitão Martin foi eleito comandante do batalhão de voluntários parisienses, em substituição do seu predecessor, morto no ataque de Geisberg. Tendo o estandarte dos couraceiros sido levado a Hoche por João Lebrenn, este recebeu da mão do general, em honra e memória deste feito de armas, uma espada tomada ao inimigo.

A 10 de nivose, o general Donadieu, citado perante o tribunal revolucionário, como traidor, foi condenado à morte e executado.

As consequências da batalha chamada das linhas de Wissembourg, ganha pelo general Hoche, decidiram da vitória de toda a guerra.

A Convenção, sob proposta de Barrère, resolveu, a 12 de nivose, o seguinte:

«A Convenção Nacional declara que os exércitos do Rheno e de Moselle bem mereceram da Pátria, bem como os cidadãos e a guardaçao de Landau.»

João Lebrenn, que era soldado do exército do Rheno e de Moselle, mandou gravar na lâmina da espada com que Hoche o tinha premiado o seguinte: «João Lebrenn bem mereceu da Pátria.»

Continuou a guerra; João Lebrenn, apenas curado da sua ferida, quis ir logo retomar ao exército; mas a chaga, ainda mal cicatrizada, tornou a abrir-se, agravando-se por causa das fadigas dum nova campanha, e ele foi mandado recolher ao hospital no mês de germinal (março) do ano II (1794).

Carlota Lebrenn, durante a ausência do marido, continuava a morar com a mãe na casa da rua de Anjou. O mestre Gervásio tinha consentido em encarregar-se da oficina cedida por ele a João Lebrenn, até ao regresso deste último. Carlota fazia, como dantes,

FÁBRICA
cladribrios, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C. a
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244—LISBOA —

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30\$00
Euros pretos (grande salão) 40\$00
Euros brancos (salão) 28\$00
Grande salão de botas pretas 60\$00
Euros de cor para homens 40\$00

Não costumam a SOCIAL OPERARIA co-
mo casa.

Ver bem, pois só lá encontra boas calçadas.

A Social Operaria é marcas das Calçadas.

18-24, com final na mesma 44, n.º 45.

— DA —

SERVIÇO DE SECRETARIA

Éditos de 30 dias

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correem éditos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da última publicação deste anúncio no Diário do Governo, citando idêas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de novecentos setenta e nove escudos e noventa e sete centavos (979\$97), relativa à liquidação das contas deixadas pelo mestre de obras, Manuel António Branco, falecido em sete de Outubro do ano findo e a cuja quantia se habilitaram Maria Virginia de Sousa Branco, esposa que foi do falecido por si e seu filho menor Francisco e Vitoria Clara Branco Camacho, filha maior.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 10 de Janeiro de 1927. — O chefe do Serviço de Secretaria, Vasco Lupi.

SUCATAS

Compram-se toda a qualidade e quantidade de sucata de metais e ferro, RUA CAIS DO TOJO, 38 e 40 (ao Conde Barão).

FATOS

A 220\$00 feitos por medida em boas casemiras. Recebem-se fatos a feito e forros por 120\$00. — ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V, 86.

EDIÇÕES SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.

Entre Vinhetos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais do S. Bento, n.º 27—Lisboa.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulado *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón, — Preço, 550. —

Pedidos à administração de A Batalha.

O SÍNDICALISMO REVOLUÇÃO E A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

EDIÇÕES DE A SEMEANTEIRA

Práticas neo-malthusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$50

A peste religiosa..... \$50

A liberdade..... \$50

A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos à

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

HISTÓRIA UNIVERSAL DEL PROLETARIADO

Vinte séculos de opressão capitalista

Esta publicação em língua espanhola que se encontra a venda na nossa administração, é relato histórico, documentalíssimo e detalhado das lutas originadas, pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas. 1800 páginas registado, 1850.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.º—A era da escravidão;

2.º—A rebelião de Espáriaco;

3.º—Abolição da escravidão;

4.º—Abycción y Servidumbre;

5.º—A revolução dos servos;

6.º—La miseria dos agricultores;

7.º—Transformação do Poder Feudal;

8.º—El comunismo cristiano;

9.º—Los miserables en la Edad Media;

10.º—La libertad ilusória;

A BATALHA

A maior parte dos gastos para manter a ordem social destina-se a defender o rico contra o pobre.—SERMONDI.



EM TORNO DE UMA QUESTÃO

SINDICALISMO E ANARQUISMO

Continuam como dantes os nossos antagónistas a divagar sobre a orientação que deve ter o movimento sindicalista merecedor do qualitativo de revolucionário, sem em nada assentarem de positivo e concreto, parecendo até fugir da discussão das bases e fundamentos da questão, e, quanto a nós pessoalmente em face disto desistirmos da melhor vontade de prosseguir na polémica, embora essa desistência fosse considerada como uma falta de argumentação ao opor aos nossos contrários.

Como, porém, ao nosso nome estão ligadas responsabilidades dentro da organização operária portuguesa, e não queremos de forma alguma tomar atitudes ambíguas e nebulosas, por estarmos vendo as más consequências que daí podem advir, resolvemos continuar sem sofismas a manifestar as nossas opiniões sobre o assunto, para que o organismo que nos enviou ao Conselho Confederal não esteja comosco iludido, e tome perante os factos as resoluções que achar mais convenientes.

Ratificando por este meio tudo quanto a este respeito escrevemos ultimamente, sentimo-nos contudo obrigados a prestar um esclarecimento sobre uma passagem do nosso último artigo, porque supomos que foi ela que deu lugar à afirmação de que ignorávamos a função da C. G. T.

Escrivemos nós que considerando ilusórias todas as regalias conquistadas dentro da actual sociedade pelos trabalhadores, a nossa preocupação principal devia ser a sua transformação, mas bem entendido que com isto não queremos dizer que rejeitamos todos os movimentos tendentes à conquista de melhores salários, de melhores condições higiênicas e da diminuição de horas de trabalho dentro da sociedade presente. Sómente, o que não aceitamos é que seja essa a única finalidade do sindicalismo, nem tão pouco admitimos que se utilizem nesses movimentos processos que não contribuam para preparar os trabalhadores para o estabelecimento dumha sociedade de homens livres e iguais, donde desapareçam de facto todos os males contra os quais eles se pretendem defender por meio da acção sindicalista.

Não precisamos bem esta ideia, mas se pensássemos doutro modo, limitariamos coerentemente a nossa acção à dos grupos anarquistas, e nem mesmo nos chegaríamos a sinciaria.

E posto isto, voltamos de novo a repetir embora por outras palavras, o nosso arrazoado do costume, visto que até à data não vimos uma resposta satisfatória dada às questões por nós apresentadas.

Como sabemos todos nós, o sindicato tem por fim reunir os trabalhadores do mesmo ofício para a defesa dos seus interesses e direitos, mas a pesar desta característica comum há profundas divergências entre os movimentos sindicalistas existentes. Estas divergências são naturalmente motivadas pelas táticas e processos diversos de que cada um faz uso na acção que desenvolve, táticas e processos estes que se harmonizam ou são influenciados pelas diversas correntes político-ideológicas conhecidas. É claro que a acção destas diversas correntes dentro dos sindicatos que com elas se harmonizam é sempre considerada benéfica por aqueles que nelas estão integrados.

Assim os sindicalistas reformistas não reparam, mas antes a consideram favorável, a acção desenvolvida dentro dos seus sindicatos pelos políticos sociais-democratas; os moscovíticos pensam de igual modo em face do partido comunista.

E aqueles que realmente estão integrados dentro dos princípios aprovados nos congressos operários de organização operária portuguesa, e que lhe determinam uma acção

INTERESSES DE CLASSE

Que os trabalhadores da A. P. L. se movimentem

porque os seus interesses não são os interesses dos políticos

Após algumas semanas de involuntário silêncio, volto de novo a tecer as minhas considerações sobre a classe assalariada do Porto de Lisboa, a que pertenço, tanto mais que o havia prometido nesta secção.

Como assalariado que sou e como oprimo que sofre as agruras do ambiente, desejo dar o meu esforço para o engrandecimento da nossa classe, de todas as que a sombra do Estado gravitam, a mais abandonada, a mais miserável.

E' preciso que todos os trabalhadores do Porto de Lisboa atentem na sua situação demasiadamente terrível, e para isto basta que estabeleçam um confronto com as restantes classes, para ficarem elucidados, e talvez um pouco mais dispostos a agirem, após longos anos de indigna servidão. Este estado de marasmo a que tem chegado a classe trabalhadora do Porto de Lisboa, deve-se, na grande parte, a que tem sido sempre um joguete nas mãos dos políticos e ambiciosos, que, para se elevarem, têm feito dela um pedestal, uma escada, deixando-a após haverem trepado, na mesma situação de miséria económica, e logo moral e social, em que até aqui tem vivido. Numa palavra: os trabalhadores do Porto de Lisboa nunca têm sabido colocar-se na sua única posição.

Têm corrido sucessivamente atrás destes e daqueles, após esta ou aquela miragem, enganando-se com falsas esperanças, desconhecendo desgraçadamente que para melhorar-se e dignificar-se só do seu próprio esforço podiam esperar alguma cousa.

Os nossos interesses são uns, e para elas necessitamos unirmo-nos e agirmos. Os interesses do Estado que nos governa e explora são outros, diferentes e opostos aos nossos. Diferentes dos nossos interesses são também os das empresas comerciais, embora estas queiram enganar o Estado e fazer propriedade exclusivamente sua o Porto de Lisboa.

Apenas numa Sociedade orgânica e fundamentalmente diferente da actual é que

contra o parlamentarismo, o colaboracionismo e a intrusão no seu seio dos políticos-governamentais, deviam ver até com simpatia exercer-se dentro da C. G. T. a influência (não a "gargalheira"), porque eles não pretendem conquistar o poder) dos anarquistas, visto que é ela a melhor salvaguarda do respeito e acatamento desses princípios.

Por isso não compreendemos qual o perigo que possa advir para a nossa organização operária do facto de dentro da terceira grande representação a tendência anarquista, nem tão pouco sabemos quais são os desvios que se tem dado ultimamente, pois que todas as resoluções, e ninguém pode demonstrar o contrário com factos, têm sido tomadas sempre com o objectivo de defender a direcção demarcada à C. G. T., pelos Congressos de Coimbra, Covilhã e Santarém.

E como, aparte certos detalhes, nós só vemos nos artigos dos nossos antagonistas sobre as questões fundamentais bastantes nebulosidades, achávamo convenientemente, se, por azar, entendessem que deviam prosseguir nestas polémicas, daremos primeiramente esclarecimentos:

1) estão absolutamente integrados e perfeitamente de acordo com os princípios aprovados nos Congressos de Coimbra, Covilhã e Santarém?

2) se estão, qual é, na sua opinião, a doutrina político-filosófica que advoga os mesmos métodos e processos de luta contra o regime capitalista?

3) quais os prejuízos que poderá causar ao movimento operário revolucionário da preponderância dentro dele dessa corrente político-filosófica?

4) que semelhança e relações existe entre esta corrente e os partidos político-governamentais que aspiram à conquista do poder?

5) parece-nos que só à volta destes pontos é que poderá haver discrepâncias entre nós, e portanto esclareçam-nos primeiramente, o que de contrário passaremos mutuamente, como o D. Quixote, a esgrimir contra moinhos de vento.

Concretizemos poes estes assuntos, e deixemo-nos de divagar com aquele León que, pelo que compreendemos, termina o seu livro por afirmar que o sindicalismo deve estar por coerência nas mãos do partido socialista; e também com as concepções daquele Marx—homem de valor inegável, é certo, mas cuja coerência tem muito que se lhe diga, pois que ao mesmo tempo que aprofega que a emancipação dos trabalhadores seria sua obra única, procurava-os arrastar para a luta parlamentar, como se entre estas duas acções alguma coisa de comum pudesse existir.

Quanto à nossa alusão à atitude das Federações abstêm-nos por enquanto de a tratar. Mas sobre a A. I. T. ratificamos o que dissemos.

A C. G. T. abandonando-a não só cometeria uma incoerência, tal como o indivíduo que abandona o sindicato, mas até uma tração aos seus princípios visto ser a A. I. T. o único organismo internacional operário existente; pois que Amsterdão e Moscovo são, simplesmente, apêndices de partidos político-governamentais.

Sobre o epílogo de "Oráculo", a recitação dum "amen", etc., etc., só temos a dizer que achamos tudo isso impróprio dumha discussão desta natureza, porque só pode servir para a desvirtuar do seu curso natural.

Exponhamos primeiro as nossas opiniões com síntese, clareza e precisão, refutemo-las em seguida, mutuamente, com argumentos e razões apropriadas, e deixemo-nos de alusões e de nos chamarmos nomes bonitos ou feios.

A. BOTELHO

os trabalhadores, mas então todo o povo do país, poderão colaborar no engrandecimento do porto. Na actualidade não, pois, isso não equivaleria senão a irmos ajudar a encher as bolsas dos exploradores do povo, ou os cofres do Estado que gasta perdulamente em obras de interesses reservados dos dinheiros públicos. Frente a qualquer destas situações, os trabalhadores possuem os seus interesses económicos de que não podem abdicar, os quais só podem ser integralmente obtidos pela sua acção própria.

E esta acção, pela união de nós todos, que se impõe, juntando-se todos na associação, dando a sua assistência completa à Comissão de Melhoramentos, para que a sua missão possa ser realizada com êxito.

Da nossa classe, que possui como todas as restantes classes, um ideal de emancipação social a atingir—e se a classe toda não tem de ter—espero resultados proveitosos, se bem compreendidas forem e. tas minhas breves exortações.

Francisco QUINTAL
(Auxiliar de escrita)

E' insustentável a situação dos trabalhadores de Fronteira

FRONTEIRA, 15.—O número de desempregados aumenta de semana para semana, o que quer dizer que a miséria alastrá a por esta vila. E', senão o principal, um dos principais causadores desta desgraça, o lavorador Costa Pinto.

Este lavorador tem 6 herdes aqüabaradas nesta localidade: quatro sob a sua responsabilidade e duas sob a responsabilidade de seu filho. Este, por sua vez, não dá trabalho aos rurais da Fronteira preferindo ir buscá-lo a Cabego de Vide. Para se avaliar o humanitarismo do filho do sr. Costa Pinto basta saber que os seus criados descansam uma vez por mês. Quando entra na sua herdeira animal que não lhe pertence ele ordena aos seus guarda que abatam a tiro.

O paiz fez um contrato por 4 meses—Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro—with 13 trabalhadores de Cunheira, a quem paga 850\$00 de jorna.

A agravar a situação temos a carestia dos géneros de 1.ª necessidade. O pão custa 1880 cada quiló que nessa vila não tem mais do que 800 gramas. O azeite paga-se a 8840\$00 o litro. E' o preço dos restantes géneros avalia-se por estes.

Em face desta situação onde iremos parar?—(E.)

LUTA DE CLASSES

Os aspectos morais e sociais do operariado de conservas de Setúbal analisados serenamente por um antigo militante

Sempre que alguém se refere à situação actual do operariado setubalense, vêm logo a lume as "tradições revolucionárias" do operariado da cidade que mereceu o título de Barcelona portuguesa.

Pelo visto a educação pesa tanto sobre os actos do individuo, que éste até ao referir-se a casos cuja origem reside justamente na lastimável falta de compreensão dos elementos operários de outrora, teima em repudiar apaixonadamente a "tradição", como nós tivemos também que respeitar, para nos servir de guia, o estupor da fastidiosa tradição.

Vamos a ver se agora a questão fica colocada no seu verdadeiro campo, para que cada um ocupe o lugar que lhe compete em vez de levar toda a vida a chorar a perda das suas "tradições".

E como, aparte certos detalhes, nós só vemos nos artigos dos nossos antagonistas sobre as questões fundamentais bastantes nebulosidades, achávamo convenientemente, se, por azar, entendessem que deviam prosseguir nestas polémicas, daremos primeiramente esclarecimentos:

1) estão absolutamente integrados e perfeitamente de acordo com os princípios aprovados nos Congressos de Coimbra, Covilhã e Santarém?

2) se estão, qual é, na sua opinião, a doutrina político-filosófica que advoga os mesmos métodos e processos de luta contra o regime capitalista?

3) quais os prejuízos que poderá causar ao movimento operário revolucionário da preponderância dentro dele dessa corrente político-filosófica?

4) que semelhança e relações existe entre esta corrente e os partidos político-governamentais que aspiram à conquista do poder?

5) parece-nos que só à volta destes pontos é que poderá haver discrepâncias entre nós, e portanto esclareçam-nos primeiramente, o que de contrário passaremos mutuamente, como o D. Quixote, a esgrimir contra moinhos de vento.

Concretizemos poes estes assuntos, e deixemo-nos de divagar com aquele León que, pelo que compreendemos, termina o seu livro por afirmar que o sindicalismo deve estar por coerência nas mãos do partido socialista; e também com as concepções daquele Marx—homem de valor inegável, é certo, mas cuja coerência tem muito que se lhe diga, pois que ao mesmo tempo que aprofega que a emancipação dos trabalhadores seria sua obra única, procurava-os arrastar para a luta parlamentar, como se entre estas duas acções alguma coisa de comum pudesse existir.

Quanto à nossa alusão à atitude das Federações abstêm-nos por enquanto de a tratar. Mas sobre a A. I. T. ratificamos o que dissemos.

A C. G. T. abandonando-a não só cometeria uma incoerência, tal como o indivíduo que abandona o sindicato, mas até uma tração aos seus princípios visto ser a A. I. T. o único organismo internacional operário existente; pois que Amsterdão e Moscovo são, simplesmente, apêndices de partidos político-governamentais.

Sobre o epílogo de "Oráculo", a recitação dum "amen", etc., etc., só temos a dizer que achamos tudo isso impróprio dumha discussão desta natureza, porque só pode servir para a desvirtuar do seu curso natural.

Exponhamos primeiro as nossas opiniões com síntese, clareza e precisão, refutemo-las em seguida, mutuamente, com argumentos e razões apropriadas, e deixemo-nos de alusões e de nos chamarmos nomes bonitos ou feios.

A. BOTELHO

os trabalhadores, mas então todo o povo do país, poderão colaborar no engrandecimento do porto. Na actualidade não, pois, isso não equivaleria senão a irmos ajudar a encher as bolsas dos exploradores do povo, ou os cofres do Estado que gasta perdulamente em obras de interesses reservados dos dinheiros públicos. Frente a qualquer destas situações, os trabalhadores possuem os seus interesses económicos de que não podem abdicar, os quais só podem ser integralmente obtidos pela sua acção própria.

E' esta acção, pela união de nós todos, que se impõe, juntando-se todos na associação, dando a sua assistência completa à Comissão de Melhoramentos, para que a sua missão possa ser realizada com êxito.

Da nossa classe, que possui como todas as restantes classes, um ideal de emancipação social a atingir—e se a classe toda não tem de ter—espero resultados proveitosos, se bem compreendidas forem e. tas minhas breves exortações.

Francisco QUINTAL
(Auxiliar de escrita)

E' insustentável a situação dos trabalhadores de Fronteira

FRONTEIRA, 15.—O número de desempregados aumenta de semana para semana, o que quer dizer que a miséria alastrá a por esta vila. E', senão o principal, um dos principais causadores desta desgraça, o lavorador Costa Pinto.

Este lavorador tem 6 herdes aqüabaradas nesta localidade: quatro sob a sua responsabilidade e duas sob a responsabilidade de seu filho. Este, por sua vez, não dá trabalho aos rurais da Fronteira preferindo ir buscá-lo a Cabego de Vide. Para se avaliar o humanitarismo do filho do sr. Costa Pinto basta saber que os seus criados descansam uma vez por mês. Quando entra na sua herdeira animal que não lhe pertence ele ordena aos seus guarda que abatam a tiro.

O paiz fez um contrato por 4 meses—Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro—with 13 trabalhadores de Cunheira, a quem paga 850\$00 de jorna.

A agravar a situação temos a carestia dos géneros de 1.ª necessidade. O pão custa 1880 cada quiló que nessa vila não tem mais do que 800 gramas. O azeite paga-se a 8840\$00 o litro. E' o preço dos restantes géneros avalia-se por estes.

Em face desta situação onde iremos parar?—(E.)

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Reuniu ontem o Conselho Federal com a presença dos seguintes organismos: C. S. T. do Porto; Uniões dos Sindicatos de Évora, Faro e Setúbal; Federações C. Civil, Rural, C. C. e Peles, Ferroviária, Marítima e Fluvial e Alimentação; Sindicatos Isolados dos Mineiros.

Seguidamente procedeu-se à leitura do expediente que constava de um ofício da Bolsa de Trabalho, e de uma circular e um ofício da Federação de Indústria. O ofício da Bolsa, que se refere ao regulamento da Caixa de Solidariedade, ficou, por proposta de Joaquim Alves Barrão, para ser apresentado numa outra assembleia mais numerosa em virtude do seu conteúdo aludir a um assunto que possivelmente terá de ser tratado no Congresso da Indústria.

Apresentada a circular e ofício da Federação, a assembleia satisfaz-se em saber o débito do Sindicato para com aquele organismo está já liquidado, resolvendo-se que a circular seja apresentada numa próxima assembleia.

Procede-se em seguida à nomeação dos novos corpos gerentes que recuam nos seguintes camaradas: Secretário geral, Joaquim Alves Barrão; secretário administrativo Bernardo José Alves; tesoureiro, Fortunato Melo; vogais, Joaquim José Farracha e Manuel Ferreira Macieira.

E' seguidamente dada a palavra ao camarada Alves Barrão, que diz já há dois anos de ser nomeado, e se o aceita é para que os camaradas não possam fazer mau juizo da sua pessoa, e ainda por ter amor à causa, declarando ter feito sempre tudo o que tem podido pelo Sindicato e seus componentes.</